



**Memória da cidade no rádio:  
no ar o que Sobral (CE) tem de ‘marromeno’<sup>1</sup>**

Claudiene dos Santos COSTA<sup>2</sup>

Bruna Franco Castelo Branco CARVALHO<sup>3</sup>

Silvia Helena BELMINO<sup>4</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE

**Resumo**

Em Sobral (CE), há 22 anos o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” utiliza a cidade como inspiração para Tupinambá Marques contar fatos com humor. Focamos este artigo em cenas destacadas no quadro chamado “O que Sobral tem de ‘marromeno’”. Vê-se que o rádio favorece o humor por este combinar bem com os elementos da linguagem radiofônica (MARTINS e SILVA, 2009), e que o programa registra histórias e costumes sobralenses, como num tecido montado e remontado sobre a cidade, um palimpsesto (PESAVENTO, 2004) cujo roteiro é baseado numa memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Utilizamos a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001) em 12 edições veiculadas no ano de 2017, e vimos interdiscursividade e uso de modelos situacionais (VAN DIJK, 2010) para criticar áreas específicas observáveis no cenário da cidade.

**Palavras-chave:** Rádio; Memória; Humor; Sobral.

**A cidade emoldurada: sobralidade e memória**

Desde 1997, as ondas do rádio garantem a diversão nas tardes de sábado em Sobral (CE), município situado a 230 km da capital Fortaleza. O programa “Sábado de todas as maneiras” é produzido e apresentado por Tupinambá Marques, o Babá. Ele concluiu curso formal de radialista e desenvolveu, na prática, o ofício de humorista, na interpretação das personagens que vão ao ar no programa, cujo intuito é fazer rir e, por vezes, fazer pensar o cotidiano sobralense.

Sobral possui 206 mil habitantes (IBGE, 2018) e é a cidade mais desenvolvida da zona norte do Ceará, com seus cartões-postais de igrejas e casas tombadas, em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O uso de sua rede de ensino, saúde e assistência por cerca de 50 municípios faz dela um polo para a região norte do estado, o que a faz conhecida como “Princesa do Norte”. Quanto às etapas históricas de

---

1 Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora integrante do 12º Encontro Nacional de História da Mídia.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: [claudienecosta@gmail.com](mailto:claudienecosta@gmail.com)

3 Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará, e-mail: [brunafanco19@gmail.com](mailto:brunafanco19@gmail.com)

4 Doutora em Comunicação pela UnB e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: [silviahelenabelmino@gmail.com](mailto:silviahelenabelmino@gmail.com)



Sobral, e seus reflexos, Ferreira (2013, p. 9) apresenta uma fase de impulsão da economia com a criação de gado, e depois com o cultivo do algodão para exportação e suas indústrias de beneficiamento no século XIX. Estes fatos promoveram a organização política e urbana da cidade, seu destaque na região norte do estado, oligarquias que dominaram seu cenário e deixaram resquícios em sua arquitetura e em práticas políticas ainda em voga.

Já Freitas (2005, p. 29) fala da “sobralidade triunfante” como uma propagação de uma elite política e tradicional da cidade, por meio de uma memória coletiva que reverencia o passado de “pompa” e “glória”, discurso importante para justificar a necessidade da preservação do patrimônio histórico da cidade. Baseia-se em um processo elaborado pela elite da cidade, direcionado para a construção de uma autoconsciência coletiva expressa em um discurso ufanista, no qual a memória se reúne numa mobilização de desejo pelo futuro promissor, tentando construir uma unidade ou constância no tempo vivido, projetando esta unidade como necessidade para gerações futuras (2000, p.102).

O formato humorístico do “Sábado de todas as maneiras” revela traços de uma cultura popular historicamente ligada ao Ceará, e ao tratar de costumes e habitantes reais expõe uma memória coletiva socialmente difundida e que gera pontos de identificação com o público, o que justifica sua aceitação, demonstrada em registros lidos no decorrer do programa, via telefone ou em mensagens deixadas nas redes sociais do radialista, como Facebook (5 mil amigos), Instagram (mais de 3 mil seguidores) e, até o ano de 2016, em canal no You Tube.

O programa radiofônico foi objeto de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, com dissertação defendida em fevereiro de 2019, e este artigo foca um de seus quadros fixos, chamado “O que Sobral tem de ‘marromeno’”. Nesse momento o humor ganha um tom frio e sarcástico e é utilizado para reclamar de situações e costumes da cidade que, na visão do radialista, precisam ser melhorados, o que difere um pouco do aspecto vigente no restante do programa, quando o riso celebra o que seria característico do local, parte de sua memória.

Segundo Jacques Le Goff (1994, p. 423), a memória é a propriedade de conservar certas informações; refere-se a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Já Maurice Halbwachs (2006, p. 30) distingue a memória coletiva da memória histórica, pois,



para ele, enquanto existe uma única História, muitas memórias coexistem. Estas memórias, por sua vez, não são apenas individuais, sendo a forma de maior interesse para o historiador a memória coletiva.

Ao se pautar por um repertório de histórias e personagens municipais, Babá Marques recorre a uma memória socialmente difundida, que é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em sua (re)construção de si (POLLAK, 1992, p.5). Enquanto a memória histórica supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, a memória coletiva recompõe magicamente o passado. Por sua vez, não se confunde com a individual. A memória coletiva evolui segundo suas leis, e é reconfigurada quando sai da consciência pessoal para um conjunto. Já a individual reporta-se a pontos de referência que existem fora dela, e que são fixados pela sociedade, formando-se de instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

As cenas, as pessoas e os lugares mostrados no programa de rádio pesquisado compõem, assim percebemos, uma memória coletiva, distinta da memória histórica por ser diversa, múltipla. Ela é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo, e mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens, permeadas pela vivência do cotidiano e a sociabilidade.

### **Fazendo rir no rádio**

O humor pode ser expresso na fala, gestos, palavra escrita ou impressa, imagens. Para ser compreendido e levar ao riso, precisa tratar de atitudes humanas que tenham ligação com uma sociedade, uma cultura, determinado grupo social e tempo histórico. Para o filósofo Henri Bergson, o riso é sempre o riso de um grupo. Nasce das ações humanas praticadas dentro do âmbito social, e para compreendê-lo é preciso localizá-lo no seu meio natural que é a sociedade. Tem uma função útil, uma função social. Deve preencher certas exigências da vida comum, ter um significado social. Pode corresponder a um corretivo imposto pela sociedade sobre uma imperfeição social ou coletiva (SANTOS e ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 24).



Um nível de insensibilidade é necessária para ser capaz de rir das desgraças. O autor se refere aí a uma tendência ético-moral do riso que seria moldar e corrigir os membros da sociedade, e que ela é melhor veiculada quando se está sob a alcunha de personagens. Situamos aí a tônica do quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”.

Com um objeto situada na região Nordeste do Brasil, convém assinalar ainda que o que temos como a região Nordeste envolve questões simbólicas e representacionais, e não apenas geográficas. Este espaço, social e afetivo, foi construído a partir de diferentes discursos que lhe atribuíram determinadas características físicas e que o investiram de inúmeros atributos, sejam morais, culturais, simbólicos, etc. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Especificamente sobre o Ceará, estendemos estas reflexões ao “humor moleque” que se fez característico do estado. O que é chamado de “humor moleque” esteve e está estreitamente ligado com a noção de “popular”, um “humor do povo cearense” ou, em uma “ótica classista”, “o humor do povão”, do “populacho”, daquele emaranhado de gente posicionada nas bases da pirâmide social da sociedade cearense (SILVA NETO, 2015, p. 12).

Quanto ao rádio, o humor é favorecido por combinar bem com os elementos que compõem a estrutura da linguagem radiofônica: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia, e ainda a mensagem sonora composta pela palavra, música, ruído ou efeito sonoro (MARTINS e SILVA, 2009, p. 308). Em “O que Sobral tem de ‘marromeno’” vemos que estas características apostam na citação de lugares, hábitos, datas, festividades consolidadas na cidade, e/ou que sofreram mudanças com o tempo.

### **“O que Sobral tem de ‘marromeno’”: metodologia e análise**

O referido quadro encerra o programa, depois de mais de duas horas no ar, a partir de 16h do sábado. O narrador principal é a personagem Bartolomeu, de voz rouca e estilo malandro e coloquial, acompanhado de uma personagem feminina, não nominada, que expressa reações ao conteúdo exposto. O texto é gravado em estúdio, às quartas-feiras. Após contemplar as linhas destinadas àquela gravação pelo personagem Bartolomeu, os assuntos são citados novamente por uma personagem feminina, em palavras mais coloquiais que aumentam a comicidade.



Para analisar edições veiculadas em 2017, utilizamos a Análise de Discurso, em sua vertente inglesa. Seguimos orientações de Norman Fairclough (2001), considerando ‘discurso’ o uso da linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais, o que implica analisá-lo em um quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Além disso, utilizamos conceitos de Teun A. Van Dijk (2010), considerando o fato de que os usuários de uma língua constroem uma representação cognitiva da interação verbal e não verbal que ocorrem na situação.

No afeto percebido nos relatos de Babá, no ar e em entrevista para redação de dissertação, consideramos como ele entrelaça este sentimento de familiaridade com o meio radiofônico com sua memória, ao mesmo tempo em que seleciona e leva ao ar no programa a própria memória coletiva dos moradores da cidade. Acentuamos aqui, como pontua Kischinhevsky, a ênfase não apenas no conteúdo compartilhado ou etiquetado nas redes sociais, na relação do ouvinte de rádio com respectivo programa, mas sim na lógica que rege estas práticas, sendo estas “auxiliares na constituição de identidades e de teias de afeto entre os usuários/interagentes do serviço, sujeitos que constroem sentidos (em diversas camadas) a partir das (múltiplas) condições de recepção e apropriação” (KISCHINHEVSKY, 2014, p. 157).

“O que Sobral tem de ‘marromeno’” entoa críticas, inclusive usando paródias musicais, a algo da cidade que precisa de melhoria ou a recentes medidas que não tiveram aprovação popular. O objetivo é cobrar de autoridades municipais providências quanto a problemas, e o radialista conta que os assuntos do quadro já tiveram resposta positiva e geraram reportagens locais e conversas de professores em sala de aula.

### **Interdiscursividade e modelo da situação**

Observamos que o texto do quadro em questão foi montado por observações do radialista sobre temas e locais que se repetem com frequência. Seus olhos e ouvidos atentos a ruas da cidade e conversas de moradores e/ou frequentadores daquele cenário de municipalidade permite apontamentos sobre o que não está bom, o que deve melhorar, o “marromeno” do título do quadro.



Lembramos aqui que a intertextualidade implica “a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 134-135). Sobretudo, “a inserção do texto na história” quer dizer que o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudança mais amplos.

Para se permitir aos corretivos e por vezes desabafos com reclamações e palavrões, o humor que percorreu toda a edição radiofônica chega aqui a uma nuance mais fria, de afastar o sentimento. “A emoção é inimiga do riso. Somente o espectador neutro, afastado e insensível é capaz de rir. O riso exige certa anestesia momentânea do coração” (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 67).

Assim, o quadro é o momento de crítica à uma pretensa “mentalidade não desenvolvida” de alguns dos que fazem a cidade leva o apresentador a quebrar seu clima sempre amistoso, respeitoso e boa-praça. Ele desfruta, naquele momento, de uma certa “licença poética”, uma posição de estar sob um personagem para esbravejar reclamações sobre a cidade, aliviadas e/ou possibilitadas pela “coberta” do humor.

Com a aceitação do programa por parte do público em mais de duas décadas no ar, observável através de mensagens em redes sociais, concluímos sucesso na proposição de situações que se desenrolam nas ruas da cidade de Sobral e identificação entre os ouvintes e as situações. Como diz Van Dijk (2010, p. 160), adicionalmente à representação mental do texto, os usuários da língua constroem um modelo da situação sobre a qual o discurso versa. A coerência é construída quando o discurso encontra correspondentes na memória, e “se os usuários da linguagem forem capazes de construir (ou recuperar) um modelo satisfatório de um discurso, então diremos que “entenderam” o texto, e somente então podemos dizer que – para este usuário da língua – o texto é coerente” (VAN DIJK, 2010, p. 160).

Pela repetição semiestruturada de assuntos, percebida na transcrição de doze edições de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” veiculadas no ano de 2017, os modelos de situação referem-se a áreas que elencamos como mobilidade, Câmara Municipal, serviços, o sobralense nas redes sociais e ações da Prefeitura Municipal.

### **Mobilidade**

O tema aparece já na primeira edição, no mês de janeiro. “Gente que para o carro no



meio de uma rua como a Dom José, deixa o carro lá e sai. Motoqueiro ultrapassando pela direita e corta pra esquerda”, reclama Bartolomeu. Vemos expostas situações que se repetem em uma cidade de porte médio, onde a mentalidade dos condutores para seguir as regras de trânsito pode ter crescido mais lentamente do que a frota. “Menino, que diabo é isso? É carro que não respeita mão, contramão, não respeita sinal vermelho, nem encarnado nem roxo nem azul nem amarelo, empombado nem nada. Que diabo é isso, menino?!”, solta o verbo a personagem feminina.

Em março, a mobilidade é citada na forma do transporte urbano Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). O meio de transporte protagoniza um pedido para baixar o preço da passagem, e assim seria utilizado pela população, em vez de transitar quase vazio. “Três reais? Tá pesado pro povo, governador Camilo! Cadê o bom senso, meu amigo? Caia na real! O povo tá sem real!”, diz a personagem Bartolomeu. A voz feminina retoma o assunto de forma mais enfática: “Governador Camilo Santana, pedido de amigo: ‘abaixa’ o valor da entrada, da passagem, seja lá de que diabo for, desse VLT, rapaz! Aqui é Ceará, estado pobre. (...) ‘Três conto’, não vou! Não vou!”. O pleito foi atendido no segundo semestre de 2017, quando a Prefeitura Municipal de Sobral iniciou uma campanha para aumentar o fluxo de passageiros no VLT.

No mês de abril, o tema mobilidade vem na reclamação sobre “aquela buraqueira da Avenida Dr. José Euclides, na rotatória que vai pra Grendene... rapaz, aquilo é brincadeira! Ali o fluxo de veículos é muito intenso, é muito grande”. Bartolomeu cita nomes de ruas com familiaridade e sugere os devidos encaminhamentos. “Ali tem que ser feito um trabalho bem feito, não é só trabalho qualquer, não. (...) recapeamento, botar aquelas pedras ali, que ‘tão’ tudo se soltando ali”, enfatiza.

A desordem no trânsito aparece também no mês de maio, quando o radialista teria presenciado que “na rotatória do Boulevard do Arco, uma doidinha ia passando no sinal encarnado com uma ‘garupeira’, uma mulher, e uma criancinha entre as duas”. A reclamação insiste na denúncia de que “aqui a gente tem que dirigir pela gente e pelos outros!”. Na hora do ‘puxão de orelhas’ na motorista não identificada, a voz feminina justifica: “minha filha, não faça isso, não. O sinal ‘tava’ encarnado pra você. A gente não deve fazer isso, não, viu? Se empacota você ali, já pensou?”.

Levando o ouvinte a visualizar as margens do Rio Acaraú, locais de grandes fluxos



de veículos em diversos horários, a voz feminina diz que motociclistas “passam pela direita, entre um carro e a ponte, em tempo de se tacar no chão e a gente passar por ‘riba’ deles”, diz sobre as pontes que ligam as margens direita e esquerda.

Em julho, a falta apontada no trânsito é quanto à faixa de pedestres. “Pessoal, é impressionante como muitos motociclistas e motoristas ignoram faixa de pedestres aqui na nossa cidade, né? Eu pergunto: será que tem carteira de habilitação?”, desafia Bartolomeu. “Meu povo, aqui tem motorista que não sabe o que é uma faixa de pedestre, não sabe o que é um sinal encarnado, nem amarelo... Só sabe o verde, e ele passa na tora”, acentua a personagem feminina. Outra atitude, ou falta de atitude, é apontada em outubro, mesmo que forma genérica, sem apontar nomes de pessoas.

Uma boa notícia conclui o assunto em novembro. “Pessoal, até que enfim que mandaram tirar o bico que fizeram na praça da Câmara Municipal, né? Do jeito que ‘tava’ lá nem um carro doido fazia aquela curva no sentido rodoviária, não”. A oportunidade não passa despercebida pelo deboche da voz feminina. “A curva não dava pra ir pra rodoviária, não. Tinha que voltar de ré. É o novo! Ainda bem que o engenheiro pensou ‘direitin’ e desfez o que ele fez”. A tal praça da Câmara Municipal fica a alguns quarteirões da residência de Babá Marques, e é uma das categorias constantes deste quadro.

### **Câmara Municipal**

Em 2017, recorte da pesquisa, houve o começo de uma gestão municipal. “Nêgada, o pau que rolou aqui nessa semana ‘foi’ os vereadores que saíram na hora da posse do prefeito”, conta sobre o ocorrido na Câmara Municipal na edição de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” de janeiro. “Uns dizem que era na hora do recreio. Uns falaram que era porque ia chover. Outros falaram que ‘tavam’ com calor, outros falaram que foi porque não sei o que”, narra, acrescentando que o tema teria sido bastante presente nas emissoras de rádio daquela semana. Minutos depois, quando o assunto é retomado pela personagem feminina, a comicidade dela é maior e permite visualizar a situação. “Sai tudo em filinha. ‘Vamo simhora!’ ‘Vamo simhora!’. Menino! Disseram que era pra merendar. Disseram que era por causa do calor, e que não sei o quê”. De volta ao primeiro narrador, tem-se a crítica mais contundente, inclusive com voz mais brava. “Vamos pensar grande. Isso é coisa de cidadezinha do interior do interior do interior da baixa da égua”. De crítica à política, o

comentário transparece que a queixa é pelo pensamento dos cidadãos de forma mais geral. A vinheta confirma uma certa descrença, e o humor se permite à cutucada: “Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui”.

Em fevereiro, o deboche tem como alvo certos adereços que ocuparam os salões daquela municipalidade. “Falando ainda em Câmara, quem quiser ver chapéu bonito, viu?, tá aqui os modelitos de última geração, viu, pessoal? Não tira nem pra ouvir o Hino Nacional”, aponta o observador radialista, e completa interpretando a personagem feminina: “é chapéu de princesa da Inglaterra!”. A cobrança de compromisso dos vereadores aparece no quadro mais de uma vez, motivada por reclamações advindas de conversas, meios de comunicação e de vídeos compartilhados em redes sociais. “Continua o festival de discurso repetitivo na Câmara Municipal” e “Se for pra Câmara cê vai dormir!” são algumas das cutucadas da personagem feminina.

A maioria das referências à Câmara Municipal de Vereadores tenta elevar o nível de seriedade em relação ao que é discutido naquele ambiente, insistindo que a cidade merece mais do que se vê por lá. Por outro lado, um assunto citado em 18 de março de 2017 tenta situar a mentalidade para a direção contrária, de não se inflar por um senso de grande importância, como se a “sobralidade triunfante” devesse ser comedida para lembrar que nem tudo o que acontece na cidade influi no estado e no mundo. Aquele momento, com o assunto Previdência Social, serviu mais uma vez para contar o “Sábado de todas as maneiras” como item de registro do que se comentava no município em determinada época.

É possível ver outro indicativo da história da cidade na edição do mês de abril. Bartolomeu narra que “mandaram pra Câmara lá um projeto pra quitar alguns moradores lá daquele bairro Nova Caiçara”. O espanto da personagem, que suscitou sua crítica furiosa foi o fato de nove vereadores da oposição terem se ausentado no momento para impedir a votação da pauta. “Isso é uma coisa muito miúda, rapaz! Isso é coisa muito pequena. Pelo amor de Deus! (...) Nêgada, ‘vamo’ pensar ‘maiorzin’, nêgada, viu? (Risos). Isso aí também é gol contra, rapaz!”, alerta. A vinheta “Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!” aparece regularmente neste quadro, para concluir a fala do personagem.

Vemos o aniversário da cidade ser citado em julho, quando a personagem feminina ressalta: “Vira o disco. Sobral ‘tá’ uma cidade bem crescidinha. Vai inteirar agora 244 anos!... agora em julho”. Comemorado em 5 de julho, a data foi ofuscada naquela edição



por outras citações. “Nunca vi uma Câmara Municipal pra ter tanto disse-me-disse. (...) Bora sair dessas futricazinhas. Isso só diminui a cidade. Ôh pobreza!”, brada Bartolomeu. Como de costume, a voz feminina é mais enfática, apesar de falar entre risos. “Menino, que carniça é essa? (...) ‘Vamo’ pensar ‘miózin’”.

A Câmara é citada ainda no mês de outubro, recorrendo a uma cena que parece ter atravessado o ano e permite ao radialista se referenciar até ao “Sábado de todas as maneiras” da semana anterior. “Continua vereador jogando pra plateia. O que é que foi dito aqui sábado passado? Que ele faz um alarde, né? Falta os ‘fôlego’, pede água, afrouxa a gravata, aquilo tudo é só pra fazer uma média, hein, pessoal? É o velho “teatro”.

### Serviços

Assim como a Câmara Municipal, localizada no Centro da cidade, os arredores da residência de Babá formam um microcosmo de laboratório social que formam a vitrine do que seria Sobral, representada no “Sábado de todas as maneiras”. Outro tema constante trata de cenas ocorridas no centro comercial e que elencamos como Serviços. Em março de 2017, o quadro indaga: “Já viram o tamanho da Agência daqui do Banco Itaú? Rapaz, aquilo... podemos chamar de tamanho dum ovo. Rapaz, uma total falta de respeito com os clientes. (...) Respeita o povo de Sobral, rapaz!”, reclama Bartolomeu. O pedido por mais conforto e comodidade para usufruir dos serviços bancários leva em conta atributos da cidade, de médio porte, que fariam jus a um tratamento de padrão mais alto. “Vamos pensar grande, né, Banco Itaú? Vocês têm tanto dinheiro. Lá no Sul, né?, as ‘capital’ são as agências bem grandonas, e aqui é aquela coisa espremida pra entrar na porta”, denuncia. Na retomada do assunto pela personagem feminina, ela cumpre seu papel de reforçar o que foi dito, às vezes com palavras mais duras disfarçadas sob uma dose maior de humor. “Pessoal, olha, aquela agência do Banco Itaú de Sobral é do tamanho ‘dum’ ovo de calango. É desse tamanhinho. Menino, não pode nem peidar lá dentro”.

Em julho, os serviços prestados no centro comercial voltam ao quadro. “Pessoal, aqui tem cada atendente no comércio que quebra qualquer padrão, viu? É um mau gosto quando vai atender, que o cliente vai ‘simbora’ na mesma hora”, denuncia. Aparecem aqui alguns termos do vocabulário de um “humor moleque cearense”, como “fica botando boneco pra atender as pessoas!”, “povo com cara de bicho... ‘num’ tem classe... (...) Zé



Ruela!”. A reclamação vai além do descontentamento com a forma como é recepcionada pelos atendentes de lojas. Estende-se à avaliação que os funcionários fazem em relação aos clientes. “Aliás, tem uns deles aqui que dizem “rapaz, isso aqui é caro. Não dá pra ti, não”. Já pensou, rapaz?! Sem saber das condições do bolso do cliente... (...) O povo aqui tem essa mania feia. Magote. Vai pra baixa da égua!”, diz o agora irritado Bartolomeu. “Meu filho, quem manda no meu bolso sou eu, viu?! Não ‘tô’ dizendo mesmo?!”, finaliza a personagem feminina.

### **O sobralense nas redes sociais**

Um tema presente em quase todos os meses foi o que o sobralense expõe em redes sociais. Logo em fevereiro, o assunto aparece como “nesse Facebook tem muita gente revoltada, né? Se a pessoa posta uma coisa falando de bem de qualquer coisa que seja já vem escrevendo mil e um defeitos”. O narrador Bartolomeu mantém o tom coloquial do quadro, apesar de mostrar-se indignado com as expressões em algumas páginas pessoais. “Mas não tô dizendo mesmo, rapaz?! Esse tipo de gente dá uma ruga mostra!”.

Em março, a referência se pautou pelo que Babá chamou de “apaixonados políticos”, cenário que deve ter sido visto não apenas em Sobral, mas em níveis de estado e país devido a um início de exacerbação e polarização de opiniões políticas que antecederam o pleito eleitoral que seria no ano seguinte, em 2018. “Fica umas piadinhas, com indiretas no Facebook, ou seja, aquela coisinha miúda, né?, pequena, de gente que não cresceu espiritualmente falando, né?”, diz Bartolomeu. “Meu povo, vamos deixar isso pra lá. (...) Ô coisa, besteira ‘réa’, sinceramente. O apaixonado político, ele é unilateral. Só tem um lado. É o lado dele. Mó paia!”, diz, entre risos, a personagem feminina. Ela repete em suas aparições neste quadro o tom mais direto, embora mais risonho. “Pessoal, mas é impressionante como tem gente de Sobral que merenda, janta e almoça política. São os ‘babão’, e outros revoltados. E assim caminha a nossa gente. Lamentável, né?”, reforça a narradora em edição do mês de setembro.

Assunto correlato aparece no mês de abril, também refletindo um feito nacional, de manifestações nas ruas e em redes sociais sobre assuntos da política e economia do Brasil, que culminaram na troca presidencial no ano de 2016. “Nêgada, aquele pessoal que foi bater panela aqui na cidade naquele tempo, né, hoje ‘tão’ tudo calado... envergonhado, sem



ânimo de sair de novo...”. A crítica aí aponta, mais que um lado ou outro das manifestações, o prejuízo que causa a polarização de opiniões, enquanto outros assuntos passam despercebidos. “É lamentável a pessoa ter tendência política, esse tipo de gente que sofre demais. O apaixonado político. Tanto de um lado como do outro. Só é bom o lado dele, né?”, reclama Bartolomeu. “Um esculhamba demais, o outro baba demais. É bom só pra eles, pessoal. ‘Vamos’ se importar com isso, não, viu?”, gargalha a personagem feminina.

Em maio, a rede social Facebook é citada como local de “gente rançosa”. “É um tipo de gente que não pode ver as coisas, né? Que fala, se incomoda com tudo. Pessoal, aqui ainda tem muita coisa que não evoluiu, não desenvolveu...”, aponta Bartolomeu. “Meu povo, vamos postar coisas interessantes, coisas boas, né?, coisas positivas (...) Quando não é a favor é do contra! E torce pela desgraça! E o outro é babão demais! O outro esculhamba demais!”, diz a voz feminina.

O aplicativo de troca de mensagens WhatsApp ocupa o mês de junho com uma reclamação quase que pessoal, para que evitem mensagens durante a madrugada, em prol de uma noite ininterrupta de sono, em vez de receber vídeos com pregações de um pastor. Em setembro, o assunto continua com reclamações sobre quem perde tempo “enviando essas coisas totalmente sem futuro, sem nexos, pelo WhatsApp”. Diz que “o pessoal aqui é viciado em mandar corrente”. E o pior: “diz que foi o Papa que mandou, que foi o padre Manzotti que mandou, que foi o Fábio de Melo que mandou”, narra sobre nomes da Igreja Católica conhecidos nacionalmente. E completa com nomes atuantes em Sobral: “foi o padre Gonçalo que mandou... o frei Gláuber que mandou... Mandou não, rapaz! Isso é conversa do povo. Pegue corda não, viu?”.

Em julho, mês do aniversário de Sobral, a reclamação é sobre a mentalidade de um modo geral, sem citar fatos específicos. “Coisa que só se vê em cidadezinha pequena mesmo. É gente de uma mentalidade pobre, atrofiada e sem perspectiva de crescer. (...) Aí diz que aqui é uma cidade universitária! ‘Óia’ aí, rapaz. Calcule!”, diz Bartolomeu. Apesar da reclamação, a personagem feminina se refere à cidade de modo um pouco mais terno, comparando-a a uma mulher. “Sobral ‘inteira’ agora 243 anos nos ‘côro’. Já é uma mulher ‘véa’, Sobral, né? É! Uma mulher ‘véa’! risos) Assim... falta botar um batonzinho... falta botar uma maquiagenzinha legalzinha... assim, um brincozinho pra ficar bem polidazinha, bem coisadinha, viu?”.



Uma categoria de profissionais é citada no mês de setembro, revelando espaços da cidade como o Teatro São João, o Estádio do Junco, o cinema disponibilizado com a chegada do *shopping center*, entre outros. “Pessoal, tem gente que pensa que aquela carteirinha de radialista dá *status*. Pensa que ela dá direito a entrar em todo lugar. Mas é muita inocência mesmo, né? Você mal entra em casa com ela, quanto mais nos cantos, rapaz”, aconselha Bartolomeu. “Se duvidar, você não entra nem na sua casa com ela. Ainda pega uma chibatada da sua mulher. (Risos). Quer ir pros cantos, ‘ói’. Pro estádio, pro teatro. ‘Né’ assim não, ‘rapazin’! Viu? Te alui!”, completa a voz feminina.

### **Ações da Prefeitura Municipal**

Neste primeiro mês do ano, aparece a reclamação sobre o mau estado de conservação de um ponto turístico no Centro de Sobral. Começava, em janeiro, a reivindicação pela reforma da Praça da Coluna da Hora. “Aliás, sem hora. É sem hora! Nós passamos aqui um ano aqui cobrando as melhorias pra ela. Não fizeram nada”, ressalta Bartolomeu ferozmente. Aproveita a ocasião, no clima de novo calendário, para engatar a reclamação no novo governo. “Esperança que o prefeito novo veja isso com bons olhos, né?”. O recado dado, com destinatário certo, vem, inclusive, com sugestões de serviços a serem feitos. “Que ajeite o piso, que faça um novo replantio da grama, que ajeite o relógio, tá sem funcionar, que pra passar nem ponteiro tem”. O apresentador justifica o empenho no pedido com a observação de que a praça descuidada pode prejudicar a imagem da cidade. Como disse Bartolomeu: “Aquela praça bem bonitinha, no meio do... no centro da cidade de Sobral. Pessoal, ali é onde recebe todo mundo de fora, que vem pra cá tomar um cafezinho”, diz, citando a cafeteria instalada exatamente na Coluna da Hora. A praça fica em um dos pontos de maiores fluxos de pessoas e veículos, no centro comercial.

Em abril, outra ação referente à Prefeitura Municipal repercutiu naquele quadro. “A prefeita assumiu aí três dias, e disse que bloqueou por três anos a licença-prêmio do servidor municipal. Diz que é o ‘pau que rola’ na cidade. Que é isso, prefeita? Fazendo gol contra, rapaz?”, reclama Bartolomeu. A personagem feminina trata o assunto entre risos, o que lhe permite ir até mais fundo na tomada de satisfação. “Tem raiva do povo? O povo, o que foi que fez com a senhora? Hein? (risos) Já pensou? Três anos sem a licença-prêmio? Ôh, minha filha, faça isso, não”.



No mês de junho, outra reivindicação endereçada à Prefeitura Municipal foi a conclusão da reforma do altar da Igreja da Sé, a catedral sobralense. “Já ‘tá’ é caducando e não termina! Até o padre reclamou domingo passado, ‘ói’? A igreja, nêgada... cheia de andaime... pega mal que só, ouviu?”, manifesta Bartolomeu.

Julho teve notícia boa com o atendimento de pedido de reforma da Coluna da Hora. Porém, havia mais a apontar, tendo sido o assunto retomado em outubro. “Aí, prefeito: dê uma consertadinha nesse relógio da Coluna da Hora...” A voz feminina contribui com seu jeito incisivo de reclamar. “Tá parado. Não se bole. (...) Então, pedir logo o prefeito, pra ele olhar aquele relógio, que faz é tempo, ‘ói’ (estalo de dedos), que a gente cobra aqui... ‘nada-da’!”.

Ainda em outubro, o pedido de reforma mira também o estádio do município, o Juncão. “Nosso estádio do Junco ‘tá’ meio sambado, ‘tá’ sofrido, ‘tá’ feio! Tá maltratado! (...) Prometeram reforma das cabines de rádio faz é tempo, ó”, denuncia Bartolomeu, estalando os dedos. Aproveita-se o momento para citar “sobejo do Castelão”, referindo-se a cadeiras reutilizadas no Estádio Governador Plácido Aderaldo Castelo, a Arena Castelão, em Fortaleza, que por sua vez tem o mesmo nome que o estádio de Sobral, apelidado de “Juncão”. Bartolomeu fala ainda do “refletor queimado que dá no meio da canela” e que o “time daqui tem é sofrido”, referindo-se ao Guarany Sporting Club, o “Cacique do Vale” de Sobral, fundado em 1938 e atualmente na Série D do Campeonato Cearense.

### **Considerações finais**

Pelo exposto em um ano de programa, especificamente em “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, temos um mosaico do que pautou a cidade em um período, pelo menos nas grandes áreas repetidas esquematicamente no roteiro daquele quadro. Pode-se afirmar que as reclamações citadas ecoam entre parte dos moradores por se mostrar o discurso de Tupinambá Marques entremeado de outros discursos, de relatos de ouvintes e de suas observações sobre cenas e setores da cidade e. O programa estampa o que seria natural da cidade, e aponta de forma severa e crítica o que seria antinatural naquele cenário, ainda que aliviado pelo senso de humor. Esse extrato mostra um registro local cravado no tempo a partir da transmissão radiofônica, mantendo um fluxo de mão dupla de basear-se na



memória coletiva de Sobral e de reforçá-la, quando o produto final chega ao público pelo rádio, e outros canais mantidos pelo radialista Tupinambá Marques.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5a. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Diocleide Lima. **A (re)invenção de uma cidade: Cid marketing e a requalificação urbana em Sobral-CE**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

FREITAS, Nilson Almino de. **O Sabor de uma cidade: Práticas cotidianas dos habitantes de Sobral**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.

\_\_\_\_\_. **Sobral - Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KISCHINHESVSKY, Marcelo. **Compartilhar, etiquetar: interações no rádio social**. PPPGCOM – ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo. 2014. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/371/pdf> Acesso em 25 julho 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, Tician Lorena Acosta; SILVA, Erotilde Silva. O riso no Brasil: o caminho para a gargalhada radiofônica. In: **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil**. Klöckner, Luciano e Prata, Nair (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Em: **Revista Esboços**, Florianópolis, v.11, n.11, p.25-30, 2004.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, 1992.

SANTOS, Roberto E; ROSSETI, Regina. (orgs). **Humor e Riso na cultura Midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA NETO, F. S. **A gênese da “cultura moleque cearense”: análise sociológica da interpretação e produção culturais**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.

VAN DIJK, Teun. **Cognição, discurso e interação**. 6. Ed., 2ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 1992.